

| | |
|-------------------------------|---|
| Nome: Gazeta Mercantil | Endereço: www.gazetamercantil.com.br |
| Data: 22/04/2009 | Mídia: Portal/Site |

GAZETA MERCANTIL .com.br

"Abertura comercial dever ser unilateral"

A presença do novo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, na Cúpula das Américas no último final de semana em Trinidad e Tobago marca a procura de uma aproximação maior dos EUA com a América Latina do que seu antecessor George W. Bush. No entanto, encarar a região como prioridade na política externa não faz parte da atual agenda da política externa norte-americana e o Oriente Médio deverá continuar em primeiro lugar, segundo o professor e pesquisador Tom Palmer, associado sênior do Cato Institute, núcleo de altos estudos de Washington, e vice-presidente de programas internacionais da Atlas Economic Research Foundation. Para ele, acabar com o embargo a Cuba terá um efeito simbólico para essa reaproximação EUA-América Latina. No entanto, o desafio maior para isso será enfrentar as correntes protecionistas, especialmente dos sindicatos.

Palmer é um dos críticos mais ácidos ao protecionismo e não de agora. Desde o final da década de 1980, quando ele difundia essa idéia nos países que faziam parte da extinta União Soviética, o professor buscava disseminar suas ideias liberais. Ele ainda é defensor voraz de uma abertura unilateral do comércio por cada país, algo ignorado pelos negociadores das rodadas de conversas na Organização Mundial de Comércio (OMC), entidade que reúne 153 países, e que apostam no diálogo multilateral. Esses negociadores buscam, desde 2001, sem muito sucesso, a conclusão da Rodada Doha, para a liberalização mundial de comércio que pode dar mais um suspiro este ano devido ao compromisso acordado entre os líderes do G20 (grupo das principais economias desenvolvidas e em desenvolvimento do globo), realizado no início do mês em Londres.

Bacharel em artes pelo St. Johns College em Annapolis, Maryland, Palmer fez mestrado em filosofia pela The Catholic University of America, em Washington, e é doutor em política pela Oxford University. Em recente visita ao Brasil para participar do **Fórum da Liberdade** em Porto Alegre, Palmer conversou com a Gazeta Mercantil durante uma escala em São Paulo na volta para Washington. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Gazeta Mercantil - A agenda externa da administração Bush não priorizou a América Latina. O que o senhor acha que ela poderá mudar com o governo Obama?

Minha esperança é que o presidente Obama tenha condições para dar continuidade à agenda do presidente Bill Clinton, que teve um programa muito positivo em comércio. Ele teve mais coragem para derrubar as barreiras protecionistas nos EUA, especialmente as representadas por alguns empresários e sindicatos. Infelizmente, as uniões trabalhistas dos Estados Unidos ficaram mais protecionistas e mais antiestrangeiras.

Gazeta Mercantil - O senhor acha que a taxa de desemprego nos EUA, que está acima de 10% em alguns estados, é uma das razões desse aumento do protecionismo entre os sindicatos?

De alguma forma sim. Mas eles culpam os estrangeiros, mas são tolos realmente tolos por isso, pois a forma mais fácil de abordagem é defender as barreiras comerciais e dizer que a abertura não gera emprego. Mas Clinton entendeu muito bem que tudo isso destroi empregos. Protecionismo não cria riqueza e não cria emprego, apenas destrói. Vamos pegar um exemplo simples. A indústria de aço norte-americana quer proteções contra o aço brasileiro. Mas um grande número de empresas nos EUA consomem aço e exportam suas máquinas ao redor do mundo, como as montadoras americanas. E cada trabalhador da indústria do aço gera aproximadamente quarenta outros trabalhadores. Os conselheiros de Obama sabem disso. Ele é um homem inteligente e tem conselheiros inteligentes. E ele sofre uma grande pressão protecionista. Eu espero que ele seja forte.

Gazeta Mercantil - Quando se fala em protecionismo, é inevitável que se fale em Rodada Doha. O senhor acredita que agora é finalmente o momento para se conseguir fechar o acordo, especialmente em meio a essa crise mundial?

Por um lado é mais difícil um acordo, mas também pode ser mais fácil. Eu temo que Doha fracasse porque as políticas domésticas, especialmente nos EUA, Canadá e União Europeia (UE), são resultado do lobby do setor agrícola. Os agricultores, apesar de representarem uma pequena parcela da população, menos de 2%, nos EUA, são muito bem organizados para defender seus interesses. Esse é o paradoxo da política. E os agricultores são muito bem organizados em relação pelos seus interesses particulares. Os subsídios estão estrangulando as economias em quantidade no custo moral que eles representam. E uma dessas questões morais é o fracasso de Doha. E nessa ordem, para retomar as negociações, é preciso ter um grande capital político que consiga eliminar os fortes lobbies domésticos a fim de enfatizar que esses subsídios são predatórios.

Gazeta Mercantil - Quando Brasil tomou partido de EUA e UE, ao contrário de Índia e China, acabou ficando em uma situação constrangedora com os demais

países em desenvolvimento, mas o quase acordo em Genebra, em julho do ano passado, foi o mais próximo do fim que a Rodada Doha chegou. E agora será que realmente será concluída este ano após o comprometimento dos líderes do G20?

É muito fácil para os políticos fazerem promessas como a do G20, mas o difícil é concretizá-la. No meu ponto de vista, o melhor approach para qualquer país, especialmente em desenvolvimento, é mover-se adiante para novos patamares do livre comércio ao invés de esperar um processo multilateral. Outra razão muito clara é que o processo multilateral trás premissas errôneas. E essas premissas são de que um governo, ao derrubar as barreiras, está fazendo um favor para outros países. E se os EUA reduzem as barreiras tarifárias, para a importação de produtos brasileiros, por exemplo, isso não é um favor para o Brasil. É uma coisa boa para os EUA, porque os preços serão reduzidos e haverá diversidade para o consumidor. Mas o approach de Doha, das negociações multilaterais, é baseado na premissa do só reduzo as minhas tarifas se você reduzir as suas. É como se duas pessoas estivessem uma diante da outra com as mãos no próprio pescoço e falando: eu paro de me estrangular se você parar de se estrangular. E isso é uma estupidez. É preciso iniciar unilateralmente a redução das barreiras comerciais. Nos últimos 20 anos, cerca de dois terços da liberalização global foi resultado de movimentos unilaterais. Um recente estudo do professor Razeen Sally, da London School of Economics (LSE), apontou que a grandes barreiras comerciais não caíram por processos por meio da OMC mas unilateralmente, porque isso é uma coisa inteligente. Apenas 20% da liberalização ocorreu devido aos processos multilaterais.

Gazeta Mercantil - Países como Chile e Coreia do Sul têm como estratégia fechar vários acordos bilaterais de livre comércio. Este é o melhor caminho e o Brasil deveria rever sua estratégia de priorizar as negociações multilaterais ou via Mercosul? Qual deveria ser a estratégia mais correta?

É um erro colocar todos os ovos em uma mesma cesta, como focar somente nos resultados de Doha. O melhor é o livre comércio unilateral. Vá e faça. Não espere pelos outros. E a decisão do livre comércio não deve ter milhares de páginas e sim apenas um parágrafo eliminando todas as restrições especiais para o comércio externo e ponto final. E que as taxas serão as mesmas praticadas para os produtos domésticos. Os padrões seriam os mesmos também. A segunda melhor opção seria a via multilateral, como Doha, e a terceira, seria bilateral. Não há razão para misturar essas estratégias. O ponto-chave é: não importa onde você vá, elimine as barreiras artificiais para o livre comércio. E a razão é simples: comércio, livre comércio geram riqueza.

Gazeta Mercantil - A imprensa internacional destacou o Brasil como grande destino para investimentos externos em função de sua democracia. O que o senhor tem a comentar sobre isso? O Brasil é realmente o mais atraente dos Brics, apesar da burocracia e dos altos impostos aqui?

Para investimentos, a taxa de retorno pode ter uma certa distância em relação à segurança e à estabilidade, mas ambos são levados em consideração. Alguns países têm altas taxas de retorno, mas não são confiáveis para que os investidores possam fazer suas apostas uma vez que o governo desses países pode confiscá-los. Um sistema subdesenvolvido e com um sistema legal predatório não atrai investimento. O Brasil tem uma enorme vantagem nessa questão uma vez que tem uma imprensa livre e isso é extremamente importante para o clima de investimento assim como para a economia. Na Rússia, por exemplo, existe um problema pois não há mais imprensa livre lá. Todo mundo tem medo de falar a verdade sobre o que acontece no país e com isso, não é surpreendente que ocorra um grande volume de fuga de capital. Nesse ponto, o Brasil está em uma posição muito melhor.

Gazeta Mercantil - Mesmo melhor que a Índia e China?

A Índia também tem basicamente imprensa livre e isso tem dado uma série de vantagens para o país também. Mas a Índia tem uma enorme diversidade interna. O Brasil também tem uma grande diversidade, mas no caso da Índia ela é muito maior. Existem cerca de 200 milhões de pessoas que tiveram acesso à classe média, mas ainda existem lugares em todo o país onde ainda não houve progresso econômico e um sistema legal tão subdesenvolvido. Índia e China são dois países onde essa diversidade é muito mais difícil de entender. Algumas áreas costeiras, como Hong Kong e Xangai, são atraentes para investimentos, com um capital sofisticado, instituições financeiras e bancos desenvolvidos e um sistema legal razoável. Mas nem todos os chineses vivem dessa forma. Há 700 milhões de chineses sem essas coisas. Mas o governo chinês está de olho nisso e vem buscando formas para que eles possam alugar a terra. Em suma, esses lugares ainda não foram capitalizados.

Gazeta Mercantil - Voltando para a América Latina, como o governo Obama poderia dar o pontapé inicial para melhorar as relações comerciais com a América Latina? Por acaso seria com o fim do embargo econômico a Cuba?

Acho que seria uma forma inteligente e substancialmente simbólica. Vamos esclarecer aqui uma coisa: Cuba não é pobre por causa do embargo norte-americano. O governo cubano pode comprar qualquer produto de México, Canadá, Brasil, Venezuela ou qualquer país que tenha relações comerciais com Cuba. O problema é que é governado por uma família que destruiu a economia. Pessoas cruéis que executam e prendem seus críticos. Lá não existe liberdade de imprensa. O embargo americano alimentou a propaganda militar deles. Mas o fim do embargo seria inteligente e também ajudaria a derrubar a propaganda que ajuda a manter a mais antiga ditadura militar na América Latina. Uma coisa que eu gostaria de acrescentar é que uma das bases da campanha de George W. Bush de 2000, e que é difícil de imaginar isso hoje, era transmitir uma maior humildade

na política externa dos EUA. E muitas pessoas votaram nele por isso, mas ele fez uma política externa arrogante e com guerras desnecessárias. Eu espero que o presidente Obama adote a política externa que foi prometida por Bush.

Gazeta Mercantil - Diante da promessa de retirada das tropas americanas do Iraque feita pelo presidente Obama, em uma visita surpresa a Bagdá na semana passada, o senhor acha que a América Latina poderá ser colocada na lista de prioridades da política externa dos EUA ou é possível que Washington faça como a China e olhe mais para a África uma vez que lá as taxas de crescimento econômico andam maiores do que as dos países latino-americanos?

Em primeiro lugar, as taxas de crescimento na África são sobre uma pequeníssima base. E, por isso, não são relevantes. E a política externa americana não espera grandes mudanças no Oriente Médio. E além disso, a secretária de Estado (Hillary Clinton) votou pela guerra no Iraque. Ela chegou a dizer que se soubesse que a guerra seria um desastre, não teria votado. No entanto, ela foi uma incentivadora dessa guerra. E eu me lembro da promessa de retirada das tropas em 2011, mas mesmo quando se chegar lá, eles vão afirmar que houve um engano e será preciso manter a presença militar. Eu detesto dizer isso, mas nesse caso, acho que o presidente Obama está mentindo para nós. Não acredito que as tropas americanas deixem o Iraque, pois a presença lá garante um certo poder político na região. Com relação à presença da China na África, a estratégia chinesa em investir lá é uma tolice e reflete a confusão de parte de seus governantes com relação às teorias dos grandes colonizadores, mercantilistas e economistas do século XIX. O importante não é dominar os ativos e sim garantir o acesso para o mercado. Os chineses não entendem esse princípio e desperdiçam dinheiro na África, principalmente, pagando propinas para os governos corruptos daquele continente somente para ter acesso às matérias-primas. O dinheiro que eles estão colocando no Sudão, por exemplo, é um total e irracional desperdício e somente ajuda a elevar ainda mais a corrupção. No entanto, eu tenho grandes expectativas em relação à economia africana. Eles atingiram o fundo do poço e agora começam a crescer e isso é bastante encorajador. Agora, o mais importante para se atrair investimento estrangeiro são as garantias legais para preservar esses investimentos, com padrões parecidos com o dos EUA, que hoje atraem investimentos de várias partes do mundo uma vez que se sabe que lá os direitos dos investidores serão preservados.

Gazeta Mercantil - Falando nesse fluxo de investimentos externos para os EUA, especialmente da China e de países árabes que fazem aquisições de empresas afetadas pela crise financeira americana, especialmente dos bancos em dificuldades. O senhor acredita em uma invasão de capital estrangeiro nos EUA?

Eu não considero isso uma invasão pois isso acaba dando a idéia de uma metáfora errada, apesar de ser um tema para uma discussão mais longa. Se algum estrangeiro entra na minha loja ele está invadindo a minha loja? Não. É um

cliente! Se alguém investe no meu negócio, ele está apenas capitalizando meu empreendimento. Eu devo ficar feliz com isso. E essa distorção de que há empresas americanas e empresas estrangeiras, é tolice e nos leva à discussão do socorro do governo às montadoras americanas General Motors e Chrysler com dinheiro dos impostos pagos por muitos e muitos americanos. Você vê eles dizendo nos jornais: somos companhias americanas, estamos mal, precisamos de muito dinheiro dos contribuintes. Na minha opinião, isso é um ultraje. O governo deveria deixá-las falir. Foram mal administradas, fizeram carros que as pessoas não querem mais comprar. Há uma solução para isso no mercado: falência e demissão dos executivos, pois eles não souberam administrar o negócio. O fato é que é fácil encontrar montadoras bem-sucedidas nos EUA. Elas produzem carros no Alabama, no Tennessee, na Carolina do Sul e em Ohio. São companhias americanas. Seus nomes: Toyota, Honda, Nissan e BMW. Fazem carros nos EUA, têm funcionários americanos, têm consumidores americanos. Porque elas precisam ser taxadas para ajudar as empresas que fracassadas como Chrysler e GM? Eu não vejo lógica nisso.

Gazeta Mercantil - Para finalizar, gostaria de saber sua opinião sobre o encontro dos líderes do G20 em Londres. O senhor acha que o resultado foi positivo?

Eu acho que o resultado foi, para generalizar, negativo. Eu fiquei contente com a promessa de combater o protecionismo. Isso é algo positivo. Mas isso é apenas uma promessa. Veremos que não será fácil resistir ao protecionismo. Vou explicar porque isso é tão importante para mim. Uma das grandes razões da Grande Depressão foi tarifas. Em 1930, os EUA impuseram taxas elevadas e as exportações despencaram 50% no ano seguinte porque comércio envolve o intercâmbio produtos e serviços. Se você impõe altas taxas para as exportações, haverá o mesmo impacto nas importações. Essa uma teoria básica do comércio exterior. O livro "The Forgotten Man: a New History of the Great Depression", de Amity Shlaes, cita telegrama enviado por um executivo da GM da Europa durante a Grande Depressão reconhecendo que essa medida foi um tremendo desastre para as exportações americanas. As pessoas precisam ser alertadas para evitar uma nova Grande Depressão. Entre 1930 e 1932, o volume total do comércio internacional encolheu 70% devido às medidas protecionistas adotadas por vários países. Outra terrível consequência dessa Grande Depressão foi o surgimento de extremismos como fascismo ou outros tipos de insanidades que levaram à Segunda Guerra Mundial. A resistência ao protecionismo é muito importante e o ponto-chave para evitar tudo isso. O G20 prometeu isso, mas é apenas uma promessa. Quero ver ações para promover o livre comércio.